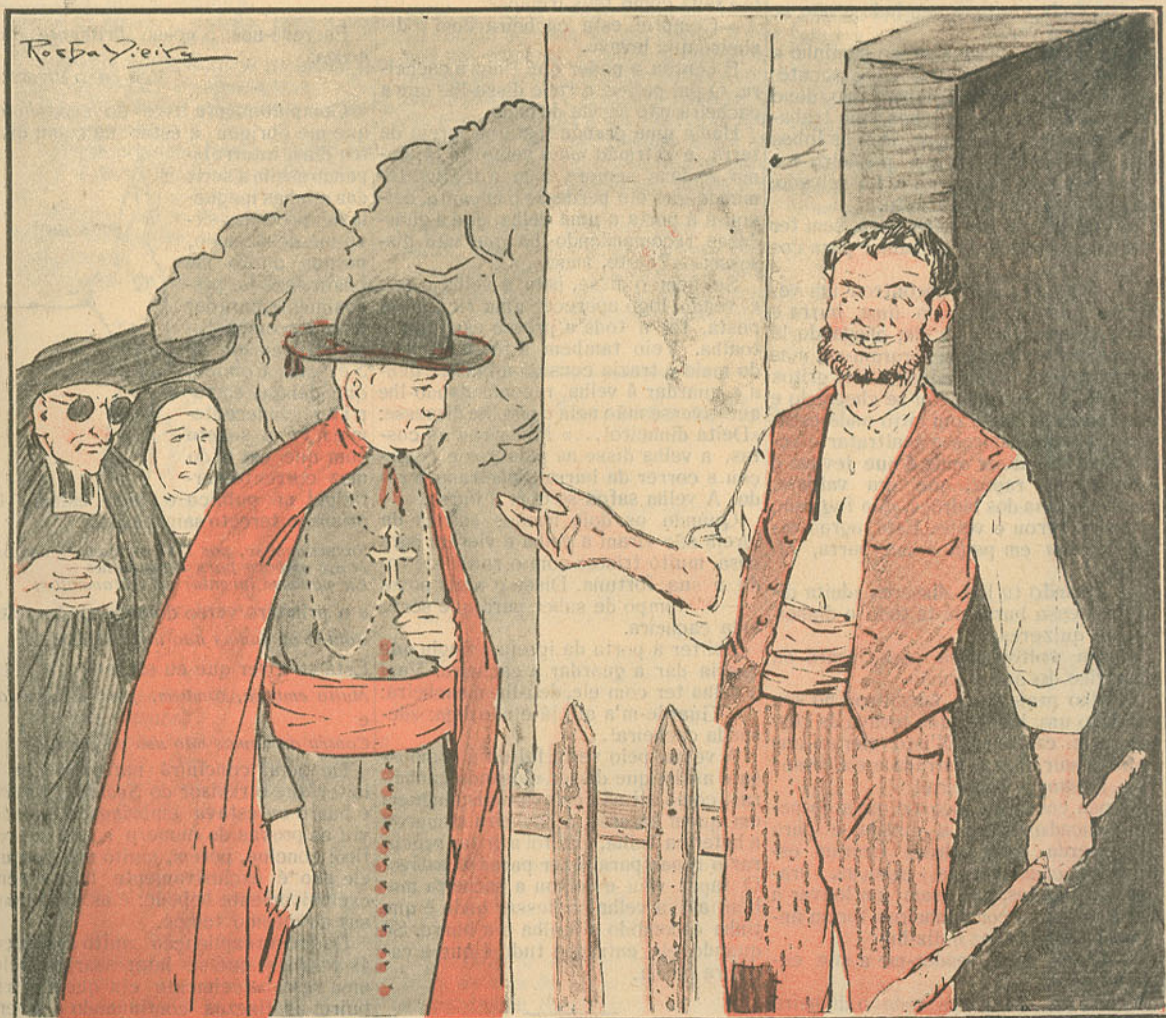




Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

## Com pés de lã?



O DONO DA CASA:

—Vossa eminência pode entrar n'esta humilde choupana, mas lá essa cambada... não, não e não!



PALESTRA AMENA!

Desanda, cacheira!

Visto que os meus pequenos leitores — tenho-os de todos os tamanhos, mas os que mais estimo são os pequeninos — ficaram muito agradados da historietta que substituiu a *Palestra amena* da ultima semana, cá vem outra tambem extraída das *Cartas tradicionais*, de Teofilo Braga:

Um pae tinha tres filhos, que foram pelo mundo correr ventura. O mais velho encontrou-se com um viandante e foi conversando com ele; chegando lá muito longe, o viandante disse:

— Paremos aqui para comer.

E desenrolou uma toalha que levava á cinta, dizendo: «Põe-te mesa!»

Logo ali apareceram muitos manjares e vinhos e coisas boas, e comeram ambos. Como era já lusco-fusco a toalha fez-se em uma barraca e ali passaram a noite abrigados. Ao outro dia cortou cada um para seu lado e não se tornaram a ver.

Ora o rapaz perdeu-se no caminho e foi dar a um grande barroco, e aconteceu ir encontrar o companheiro, dono da toalha, cercado de lobos, que trabalhavam para lhe chegar. Poz os lobos em debandada com um pandeiro e o viandante, em paga de o ter salvado, deu-lhe a toalha do encanto.

O rapaz voltou para casa, sem ter mais necessidade de trabalhar para comer.

O filho segundo encontrou um velhinho que ia tangendo uma burra e foi conversando com ele; chegando lá a uma encruzilhada separaram-se, mas ouvindo pela noite adiante uns gritos de aflição, o rapaz foi-se chegando e acertou de ir dar a um sitio onde estavam os salteadores a maltratar o velho para lhes dizer onde é que levava o dinheiro. O rapaz, que era valente, caiu em cima dos ladrões, que fugiram, e assim livrou o velho. Este, agradecido, deu-lhe em paga a sua burra, dizendo:

— Quando tu lhe disseres «deita dinheiro» essa burra dá-te todo o dinheiro que quizeres.

Assim voltou para casa, tanto ou mais rico do que o irmão.

O filho mais moço encontrou no seu caminho um homem que levava ás costas uma cacheira. N'isto vieram uns ladrões sair-lhes á estrada e ele disse:

— Desanda, cacheira!

O pau começou logo no ar a despedir pancadas para a direita e para a esquerda e os ladrões ficaram estendidos com pernas, cabeças, braços quebrados, que eram um louvar a Deus. Os dois companheiros foram andando; vae o rapaz e diz-lhe:

— Quer você vender-me a sua cacheira?

— Só se me deres todo o dinheiro que levas.

O rapaz deu-lhe tudo quanto o pai lhe tinha dado e voltou para casa muito contente com a cacheira ás costas. O pai assim que o viu perguntou-lhe:—

O «Diario do Governo»

E' muitas vezes citado como rival do *Seculo Comico* o nosso excelente *Diario do Governo*, no que diz respeito ao chiste—e n'esse ponto estamos



de acordo. Quanto á gramatica, porém, discordamos completamente, porque nos gabamos de a saber ao passo que o dito colega é como todos sabem, menos o nosso papá *Seculo*, que na sua edição d'uma das ultimas noites citou varias silabadas do mesmo *Diario*,

Então o que é que trazes, que sejas tão feliz como teus irmãos?

— Comprei esta cacheira com o di-nheiro que levava.

E contou o poder que tinha a cacheira. O pai poz-se a rir e disse-lhe que a cacheira não servia de nada.

Havia uma grande festa na igreja da terra e o irmão mais velho foi lá; como andava sempre com a toalha, temendo que ela perdesse o encanto, deixou-a á porta a uma velha, que a guardasse recomendando-lhe que não dissesse:—«Põe-te, mesa».

Se bem o disse, peor a velha o fez; e vendo logo aparecer uma rica mesa posta, foi a toda a pressa esconder a toalha. Veio tambem á festa o irmão do meio e trazia consigo a burra e deu-a a guardar á velha, recomendando-lhe que tivesse mão nela e não lhe dissesse: «Deita dinheiro!...» Mal virou as costas, a velha disse as palavras e começou a correr da burra dinheirama a rôdo. A velha safou-se com a burra.

Quando os dois irmãos saíram da igreja não viram a velha e vieram para casa muito tristes com o roubo de toda a sua fortuna. Disse o mais novo:

—E' tempo de saber para que serve esta cacheira.

Foi ter á porta da igreja e fingiu que queria dar a guardar a cacheira. Vem a velha ter com ele, deu-lhe a cacheira:

—Guarde-m'a até já e não diga: «desanda cacheira!...»

A velha, pelo veso, faltou á promessa e assim que disse: «desanda cacheira», como ali não estava mais ninguém em quem batesse, a cacheira começou a bater na velha, que foi a gritar procurar o rapaz para fazer parar o castigo. O rapaz veio e deixou a cacheira malhar até a velha confessar onde é que tinha escondido a toalha e a burra. Só quando ela entregou tudo é que a cacheira parou.

Que pena não haver cacheiras magicas n'este tempo de açambarcadores!

nas primeiras linhas de um decreto, parece-nos que da Secretaria de Estado do Interior.

Oral com que o nosso papá vem á terra!

Pois fique sabendo que não se publica decreto algum no *Diario do Governo* que não traga asneira gramatical. Se não, lá verá em todos o seguinte fecho:

«Determina-se, portanto, que todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto pertencer, o cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ele se contém.»

A quem o conhecimento e a execução *pertencer*? Não-de convir que em taes circumstancias o verbo no singular é... singularissimo—não falando na nebulosidade das ultimas palavras. *Como n'ele se contém... quê?*

Ao nosso revisor

Escreve-nos o nosso brilhante *Manecas*:

*Meu caro director*

Completamente livre da *espanhola*, que me obrigou a estar de cama quatro dias, interrompendo assim a serie das minhas inegua-laveis proesas, sirvo-me deste meio, porque muito me custa fazer-lo pessoalmente, para dar uma descompostura ao revisor do *Seculo Comico*, que deixou estropear indecentemente o soneto com que em 8 do mez corrente participei ao publico o meu estado. O primeiro terceto saiu assim:



*Suspendem-se, por isso os meus inventos. Muito embora para as mazelas Eu pudesse inventar os tratamentos;*

e o primeiro verso do segundo terceto:

*Contra as damas não uso cautelas...*

Está-se a ver que eu escrevi:

*Muito embora, tambem, para as mazelas e*

*Contra as damas não uso de cautelas.*

De aqui concluirá naturalmente o leitor que o revisor do *Seculo Comico* é burro ou estava embriagado quando viu as provas do numero a que me refiro; conclue, porém, muito mal porque ele não é exclusivamente burro nem exclusivamente bebedo: é as duas coisas ao mesmo tempo.

Dada esta explicação, muito agradeço ás pessoas que se interessaram pelo meu restabelecimento e a quem retribuerei as finezas continuando a divertilas com o meu bom humor e o meu incomparavel talento. Disponha, meu caro director, do seu colaborador, amigo e muito grato

MANECAS.

J. Neutral.

**Amarguras do doce**

Reportagem dos ultimos acontecimentos resultantes das sabias medidas sobre a distribuiçao do assucar:

—Tlim! tlim! tlim! Está lá?  
—Quem é? Aqui estaçao dos bombeiros.

—Já, já, as bombas á calçada da Pampulha, onde ha um incendio. Imediatamente!

—Não pode ser. O incendio que espere para amanhã?

—Que diz?!  
—Isto mesmo. Os bombeiros não podem lá ir porque estão a vender assucar!

A patroa para a criada, ás 7 horas da manhã:

—O' Maria vá comprar 250 gramas de assucar.

—Sim, minha senhora.  
A's 10 horas. O patrão, para a esposa:

—Manda pôr o almoço na mesa, que tenho de ir para a repartição.

—A Maria foi comprar assucar e ainda não voltou.

—Estas criadas! Bem: almoço fóra.  
A's 7 da tarde. Chega o dono da casa:

—Vamos lá a esse jantarinho, que estou com apeteite.

A esposa:  
—Temos de ir jantar fora, tem pa-



ciencia. A rapariga ainda não veio do assucar.

—Isto não se pode aturar!  
A's 10 da noite. A Maria toca a campainha.

Entra.  
—Até que enfim, Maria!  
«Traz o assucar?»

—Não minha senhora, mas trago um braço partido, tres galos na cabeça, cinco dedos dos pés esmagados...

—Estas criadas

Do nosso Marques, entrevistado:  
—A culpa da falta de assucar é da nossa imprevidencia, nada mais. Vejam lá vocês se ele falta aos brasileiros, por exemplo.

O nosso reporter:  
—E por quê?

—Prevendo o futuro, mandaram fazer ha seculos no Rio de Janeiro um pão de assucar tão grande que ainda hoje está quasi como na primitiva!

**O caçador****EM-FOCO**

*Mente e remente sem vergonha alguma  
E' mestre e mais que mestre na mentira:  
Mata seis lebres cada vez que atira  
Quando a verdade é não matar nem uma.*

*A dois ou tres quilometros costuma  
N'um coelho acertar e pronto o vira  
Diz ele, embora nem de leve o fira,  
E o bicho mais reitoice na caruma.*

*Se ás perdzes aponta mata um bando.  
Tem abotido javalis em barda,  
Não sabe como, não diz onde ou quando,*

*E de tanto destroço apenas guarda  
Embalsamado, um gaio que pairando  
Lhe salpicou o cano da espingarda...*

BELMIRO.

**Livros, Livrinhos e Livrecos**

**Sonetistas portuguezes e luso-brasileiros**—O sr. Nuno Catarino Cardoso reuniu sonetos de 189 poetas e deusos um elegante volume, acompanhando-os de notas bibliograficas ácerca dos autores. E' o primeiro livro no genero que se publica em Portugal, apreciavel por muitas rasões, entre elas porque dá ensejo a que se comparem varias escolas literarias, desde o seculo XV.

E' de esperar, pelo interesse que desperta, que o sr. Nuno Cardoso publique em breve 2.<sup>a</sup> edição e então complete os dados que respeitam a cada poeta e que satisfariam muitas curiosidades.

**Torre de chifre**

O relógio já deu as doze horas  
E tu sem appareceres  
Sendo a mais jormosa dos seres,  
Tendo a beleza casta dos amores!

Porque me fazes assim esperar  
Não vês que o meu coração anceia?  
Tens medo da lua cheia,  
De que te vejamos ao luar?

Oh! vem! ó vem sem medo.  
As nuvens cobriram a lua  
Para ninguem ver a imagem tua  
E será mais copado o arvored.

Espero-te ancioso, oh! louca,  
Espero a entrevista prometida:  
As tuas falas a minha vida,  
E a doçura da tua boca!

A. RIBEIRO F. JULIÃO.

**A «salchicha»**

Um objecto enorme, comprido e bojudo, os ares do Tejo escureceu para as bandas da rocha do Conde de Obidos, ha oito dias e sobre nossas cabeças appareceu.

—Ai, que é um Zepelin! berraram, assustados centos de lisboetas. Vamos ser atacados pelos boches.

Mas afirmando-se melhor na fórma, como de cima não viesse metralha e o objecto estivesse preso a um barco francez, concluíram que era uma grande salchicha, transformando-se o receio em alegria.

—São os francezes que nos mandam subsistencias!

E ficaram todos á espera da distribuiçao da salchicha.

Passou-se, porém, o primeiro dia e com ele a illusao da carne de porco. Então, de oculos em punho, opinaram que se tratava de nova estrela, desco-



berta pelo astronomo da Mealhada e que afinal, não passava de cometa. Mas logo começaram a correr boatos:

—E' um invento de guerra.  
—Um submarino... aereo.  
—Aquilo, se calhar, vem lá dentro o Afonso Costa.

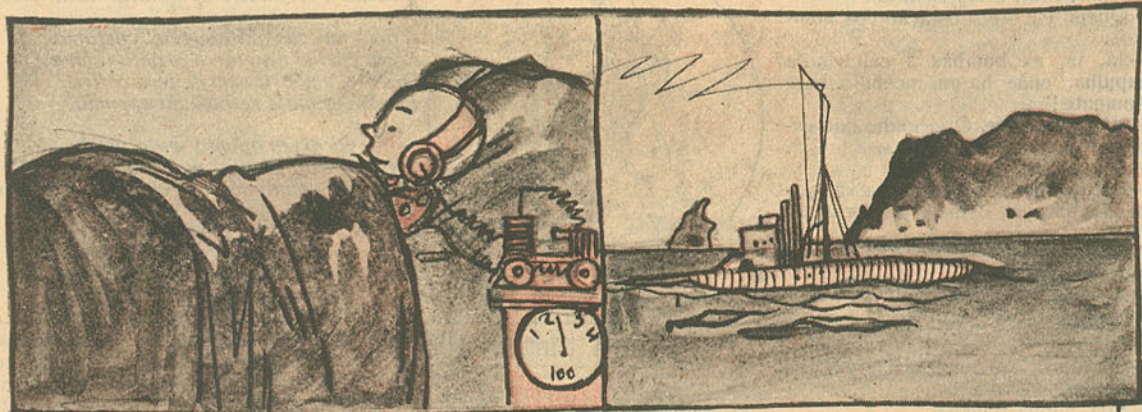
—O Sidonio que se acawtele...  
—Um! aquilo é partida dos jazuitas!

Ora pois, uma bela manhã, desapareceu a aventesma—não tendo a censura permitido aos jornais que tratassem d'ela com o desenvolvimento devido ás suas dimensões, por via da moral—diz-se, não sabemos com que fundamento.

## AS NOVAS PROEZAS DO MANECAS

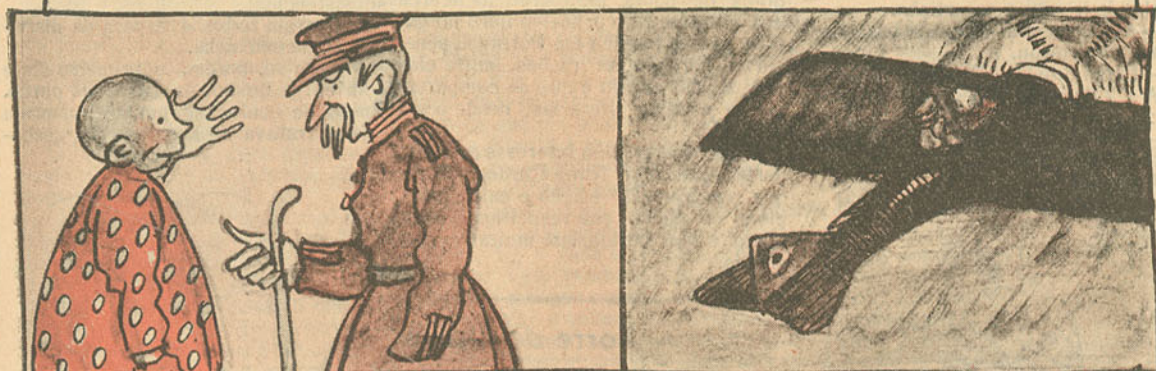
29.<sup>a</sup> Parte — 1.<sup>o</sup> Episodio

(Continuação)



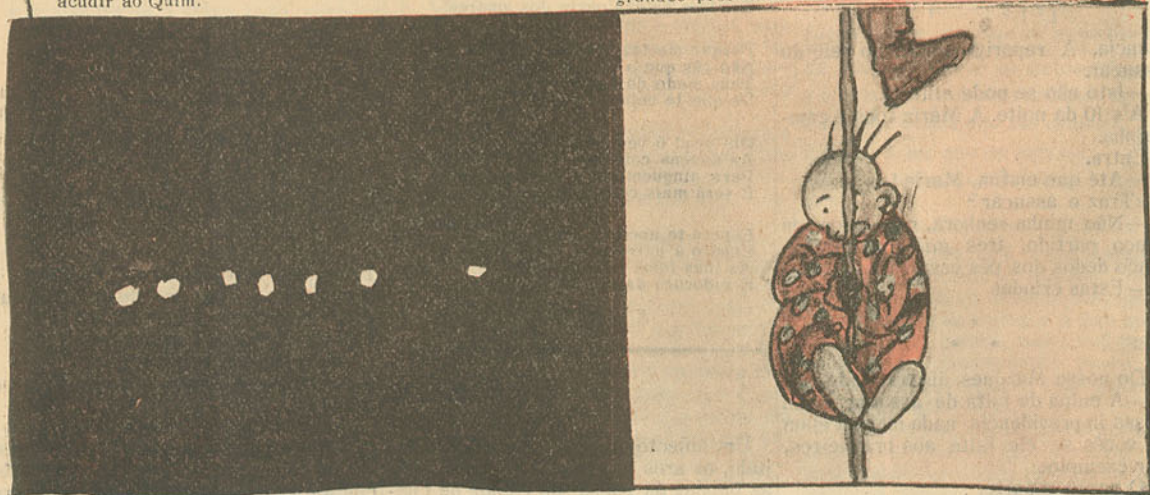
1.—Certa manhã, depois de fazer o tranqüilo ó ó das consciências retas, Manecas é despertado pela campainha do seu celebre telefone sem fios.

2.—E' o mano Quim<sup>s</sup>, que, como sabemos, está a bordo d'um submarino boche, comunicando-lhe que está em perigo.



3.—Logo, dominado por aquele amôr fraternal que é uma das suas qualidades mais simpáticas, o Manecas pede ao general sob cujo comando se encontra para ir acudir ao Quim.

4.—E vae, n'um aeroplano da sua invenção, a bordo do qual, pelo cheiro, sabe da posição exata de todos os submarinos, ainda dos que navegam em grandes profundidades.



5.—Em breve bispa os sinais convencionaes que o mano lhe faz, por meio de buracos abertos n'um pano, correspondentes a determinadas frases.

6.—Desce por uma corda, perpendicularmente ao submarino, praticando, como se vae ver, ações que seriam espantosas n'outro qualquer mortal, mas n'ele são d'uma extrema simplicidade.

(Continua).